



Os de Marinhãs



PORTO
4740 ESPOSENDE



ANO II • N.º 15 • 30 OUTUBRO - 1995 • DIRECTOR: MANUEL ENES DE ABREU • DIRECTOR-ADJUNTO: JOSÉ MARIA VIEITAS DE AMORIM • MENSAL • Fundado em 1994 • Preço 70\$00

Lágrimas de Portugal



Foi uma aposta ganha do Grupo Polifónico de Marinhãs, o pôr em cena um espectáculo de grande qualidade, "Lágrimas de Portugal". Trata-se de um musical que de uma maneira

sintética, aborda o drama da emigração nas décadas de 40 e 60, com incidência particular na freguesia de Marinhãs. Conforme nos disse o seu autor musical e orientador Dr. Albino Ca-

sado Neiva, foi um texto escrito propositadamente e sobretudo a pensar nas Marinhãs e nas suas gentes pela sua amiga pessoal Dra. Luisa

(Continua na pág. 4)

Voou o telhado das Piscinas Municipais em construção

VER PÁG. 9



PATRONÍMICOS DE MARINHAS

Os Monteiros - IV

Por: C. MONTEIRO



Em Espanha, também há Monteiros, Monteiros, está visto. Nem é de admirar, pois somos vizinhos. Mas eu vinha tratando dos Monteiros portugueses, em especial dos de Marinhãs. Voltemos lá, porque toda a semelhança é pura coincidência

VEJA NA PÁG. 3



MAPFRE SEGUROS

Seguros Generales

AGENTE DELEGADO EM ESPOSENDE

— António Amaro —

Telef. 961488 • Fax 961047
Urbanização A. Zão
R. José Vieira - Bloco 4 - R/E
4740 ESPOSENDE

FAMÍLIA MARINHENSE

Novembro - Mês dos Fiéis Defuntos

A partir deste número o título do meu artigo neste jornal passará a ser "Família Marinhense". Como todos sabem, os que procedem da mesma fonte de vida - que é Deus - e que d'Ele se tornaram filhos pela celebração do Baptismo e vivem na mesma casa, constituem uma família. Ora, graças a Deus, todos os marinhenses são baptizados e vivem a sua fé o melhor que podem e sabem, portanto, vivendo neste espaço que se chama Marinhãs, constituem assim a chamada "Família Marinhense".

VEJA NA PÁG. 3

F. C. Marinhãs com novo treinador

VEJA NA PÁG. 6

Associativismo Educacional

VEJA NA PÁG. 7

Estrada Real

Obras em bom ritmo

VEJA NA PÁG. 8

Alberto Figueiredo

retoma funções

VEJA NA PÁG. 9

Zendinformática

GABINETE DE APOIO EMPRESARIAL

GESTÃO • CONTABILIDADE • FISCALIDADE

Telef./Fax: 962883 — URB. A ZÃO — ESPOSENDE



RESTAURANTE

Bem Estar

ESPECIALIZADO EM SERVIÇOS DE:

CASAMENTOS - BAPTIZADOS - FESTAS DE ANIVERSÁRIO
FESTAS CONVÍVIOS - SERVIÇO DE CHURRASCARIA DIÁRIO

RUA 15 DE AGOSTO

OUTEIRO

MARINHAS

TELEF. (053) 961095

4740 ESPOSENDE

MARINHAS DE ANTANHO

Recordando... Joaquim Martins do Pilar

No dia 21 de Maio de Maio de 1918, faleceu no Rio de Janeiro o marinhense Joaquim Martins do Pilar, natural do lugar do Monte e há longos anos radicado no Brasil. A ele se deve a construção da capela de S. João, pois foi ele quem custeou a quase totalidade das despesas dessa construção, tendo oferecido também algumas das imagens que ornamentam o seu interior. Além disso foi um grande benemérito do hospital de Esposende, não só do antigo conhecido como hospital de S. Manuel, como do que o veio substituir, para cujas obras contribuiu com avultadas dádivas. Também não esquecia os pobres do lugar do Monte para quem, sobretudo por alturas do Natal, enviava donativos, por intermédio do Padre Anselmo Rego, seu amigo e procurador.

Joaquim Martins do Pilar era filho de José Martins do Pilar e de Maria Teresa Ferreira e nasceu na Freguesia de Marinhãs, em 1836. Com 26 anos de idade emigrou para o Brasil. Trabalhou inicialmente como empregado de comércio e mais tarde estabeleceu-se por conta própria, com casa comercial no bairro de Botafogo. Em 1833 vem de férias à sua terra natal por aqui se demorando cerca de dois anos. Regressando ao Brasil fundou, de parceria com Manuel Ferreira Vaz Saleiro, uma casa importadora de vinhos e outras bebidas, tornando-se abastado proprietário e senhor de largos haveres. Volvidos 21 anos voltou a Marinhãs, por cá ficando outros dois anos. Foi então que, festejando-se a festa de S. João Baptista, que se venerava num pequeno nicho, ele assumiu o compromisso de erigir uma

capela, na qual os moradores do lugar pudessem festejar o seu Santo com mais entusiasmo e solenidade. Em 1914 o Padre Anselmo Rego lembrou-lhe a sua promessa, recebendo como resposta que começasse com as obras que ele seria o maior subscritor para a sua realização.

Faleceu com a idade de 82 anos sem ter a consolação de ver e admirar a obra a que o seu nome está intimamente ligado. Seria um acto de justiça e de gratidão dar ao largo em frente da capela de S. João ou a qualquer rua adjacente o nome de Joaquim Martins do Pilar e perpetuar assim o nome e a memória deste benemérito marinhense no lugar do Monte.

Dr. Anselmo Américo Monteiro

O bairrismo são

POR: Joaquim G. Enes

1. Presunção e água benta cada um toma para si as que quer. Não admira, pois, ouvirmos frequentemente indivíduos de todas as classes sociais afirmarem em público e com basófia: "eu sou muito bairrista", "eu pela minha terra sacrificaria a própria vida", "não há marinhense mais dedicado do que eu" ou outras frases semelhantes.

Como a maior parte dos sentimentos humanos, mesmo até alguns aparentemente negativos, o bairrismo é saudável se se contiver dentro dos limites da moderação e da razoabilidade, resvalando para a nocividade quando portador de extremismos ou radicalismos.

O termo deriva de **bairro**, palavra de origem árabe e que, genericamente, representa parte de uma cidade ou vila abarcando uma determinada área ocupada por pessoas da mesma raça ou classe social, podendo constituir também uma divisão administrativa das grandes povoações como, em Lisboa e Porto, acontece em Portugal.

2. O bairrismo corresponde ao "chauvinismo" francês e ao "jingoismo" anglosaxão registando-se todavia, algumas diferenças nos respectivos conceitos.

O termo gaulês deriva do nome de **Nicolas Chauvin**, servidor da Revolução e do Império em batalhas sangrentas de que saiu ferido 17 vezes, tornando-se célebre pela sua bravura e pelo seu desmedido entusiasmo por Napoleão.

O "chauvinismo" contém uma abrangência mais ampla que o bairrismo caracterizando-se por um nacionalismo exagerado e evadido de xonofobia, quedando-se o bairrismo por um aferro desmedido e doentio aos interesses de uma simples povoação em detrimento de outras.

Por seu turno o "jingoismo" encerra precisamente a mesma acepção do "chauvinismo".

Pode afirmar-se no entanto que, no fundo, o bairrismo, o "chauvinismo" e o "jingoismo" constituem várias faces de uma mesma moeda e, assim, são portadores de enorme tendência para o exagero e para conduzirem a divisões, ódios, lutas fratricidas, guerras, xenofobias e radicalismos.

Nos tempos hodiernos em que, em virtude dos gigantescos progressos adregados pela técnica no sector dos transportes, o mundo quase se transformou numa simples aldeia mas em que o desenvolvimento harmonioso da sociedade demanda cada vez mais em espírito solidário e fraterno entre todos os povos, o homem deve ser cada vez mais um cidadão do mundo, não se perdendo em tricas e lutas mesquinhas e prejudiciais em que quase sempre desembocam os bairrismos exacerbados e doentios.

Não vale isto por dizer, de forma alguma, que não devamos amar a nossa freguesia, o nosso concelho, o nosso distrito ou a nossa pátria, pois tal constitui um sentimento nobre, mas apenas que ele deve ser expresso sempre em termos eticamente irrepreensíveis para com as outras povoações e para com os países congéneres, respeitando os seus direitos legítimos e dirimindo quaisquer conflitos por via de concertação ou através das instâncias administrativas ou jurídicas competentes.

Os autodenominados campeões do bairrismo ou do nacionalismo constituem quase sempre os piores inimigos da sua aldeia, vila, cidade ou país, provocando querelas desnecessárias com os seus vizinhos e projectando para as suas terras e gentes o labéu do radicalismo, da intolerância e, quantas vezes mesmo, de iniciativas sangrentas.

3. A título meramente exemplificativo afigura-se-me de certo interesse dar enfoque aos bairrismos futebolísticos ou seja do denominado desporto-rei.

Não posso deixar de reconhecer que, avolumando-se cada vez mais as despesas emergentes, os clubes carecem da máxima ajuda dos seus sócios e simpatizantes e que, mesmo assim, têm de lutar estoicamente pela simples sobrevivência.

Sem pretender equacionar o valor do espectáculo futebolístico e da sua função social em relação a outras manifestações desportivas, culturais ou recreativas, entristece-me a verificação da existência de tantos e tantos indivíduos que vivem como se o futebol fosse a pedra basilar das suas existências, devotando-lhe todos os tempos livres e as economias disponíveis e mostrando-se ao mesmo tempo inteiramente insensíveis aos mais graves problemas da humanidade: a fome, a saúde, a educação e a droga males que, quase no dealbar de um novo milénio, atingem na carne e na alma, mais de 100 milhões de seres humanos.

Os mais badalados bairristas invocam quase sempre tal qualidade pelo seu amor ao clube de futebol sendo certo que, na maioria das vezes, o seu comportamento desprestigia a sua terra e o próprio clube, não os enaltece.

Em primeiro lugar não se aprimoram na arte de receber com fidalguia as equipas visitantes, vendo-as como inimigas e não como concorrentes a uma competição com igualdade de direitos e de deveres.

Depois, no decurso dos jogos, exaltam-se quase histericamente, apostrofando os árbitros, os jogadores adversos e até a sua própria equipa, treinador e dirigentes, proferindo impropérios e insultos em linguagem desbragada e, por vezes, praticando distúrbios, agressões e invasões de campo, a que acarreta sanções disciplinares causadoras de da-

(Continua na pág. 3)

Editorial

D. Carlos Filipe Ximenes Belo
- Bispo de Dili

Apesar de pela segunda vez, ser o principal favorito ao prémio "Nobel da Paz", a Real Academia das Ciências Sueca não o contemplando, desiludiu todo o mundo e particularmente os timorenses que esperavam ansiosamente que o laureado fosse o Bispo de Dili, pois pretendiam que mundialmente fosse reconhecido o grande e ousado esforço que ele tem tido ao longo da história de Timor, na causa da Paz do povo maubere.

Contudo pesou mais forte o nuclear. Sem dúvida uma questão importante, na época contemporânea, que a Academia premiou através da atribuição do Prémio Nobel da Paz de 1995 ao cientista britânico e à organização a que ele preside, "pelos esforços que tem realizado no sentido de diminuir o papel e o malefício que as armas nucleares podem causar ao mundo.

Os recomeço dos ensaios nucleares franceses no atol de Mururoa, teria sido um dos principais argumentos que terão pesado na decisão do Comité Nobel para que o prémio fosse atribuído ao físico britânico e não ao bispo de Dili.

Impossibilitados de tomar uma posição crítica frontal aos ensaios realizados pela França, a Noruega e os restantes países nórdicos aproveitaram esta tão nobre causa, para dar uma hofetada de luva branca à França especialmente ao seu Presidente Jacques Chirac, e a todos os países que possuem este tipo de armamento, premiando Joseph Rotblat e o seu movimento Pugwash.

Espero que D. Ximenes Belo não esmorece perante a ingratidão dos homens, ao não lhe reconhecerem mérito na sua luta pela causa timorense. Nos últimos tempos este prémio tem sido atribuído sempre a políticos, para espanto este ano espanto foi atribuído a um cientista, quando o principal favorito era precisamente uma personalidade religiosa e política D. Ximenes Belo. Que Deus lhe dê cada vez mais força para que juntamente com todos os timorenses consigam alcançar a PAZ porque tanto têm lutado.

Também o Presidente da República Portuguesa, Dr Mário Soares no seu discurso de comemoração dos 50 anos da Nações Unidas, agora com um português Prof Freitas do Amaral na presidência da Assembleia Geral, não se calou, aproveitando a presença dos 155 Presidentes ou primeiro-ministros de Estado do Mundo para chamar a atenção para o drama de Timor Leste.

Um Abraço Timor

Manuel Abreu

Ficha Técnica

Voz de Marinhãs

MENSAL

Propriedade

Sociedade Editora Voz de Marinhãs, Lda.
SEDE: Marinhãs

Registo N.º 00630/94

Depósito Legal N.º 84513

Corpo Redactorial

Manuel Enes de Abreu
José Maria Vieitas de Amorim

Colaboradores

Pe. Avelino Marques Peres Filipe
Dr. José Luís Correia de Azevedo
Dr. Anselmo Américo Monteiro
Pe. Crisóstomo Monteiro
Joaquim Gonçalves Enes
Aparício Calheiros Maranhão
Gaspar Capitão Nóvoa
José Maria Losa Esteves
João António Costa Gomes
Aurélio Mariz Neiva
Querubim Carneiro Areias
Rosa Maria Coutinho
José Sampaio Azevedo
Anabela Guimarães Martins do Pilar
Professoras das Escolas Primárias
Núcleo de Marinhãs da Cruz Vermelha
CNE - Agrupamento 813 - Marinhãs

Composição/Impressão

Grafibraga - Artes Gráficas, Lda.
Telef. 20802 - 4700 Braga

COPIZENDE

EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, LDA.

- Fax e Computadores
- Centrais Telefónicas
- Relógios de Ponto
- Fotocopiadoras

Rua Sra. da Saúde, 8 • 962835/964849 • 4740 ESPOSENDE

PATRONÍMICOS DE MARINHAS

Os Monteiros - IV

Tinha intenção de encerrar no artigo anterior, que era o III e não o II (como apareceu, por gralha da Tipografia), a minha dissertação sobre os Monteiros de Marinhas.

Mas a matéria que se me deparou revelou-se mais extensa do que o previsto e tive de organizar este IV artigo, para finalizar.

Entretanto, encontrei por acaso, no "Independente" de 13.10.95, a fotografia que, com a devinda vénia, apresento em 1.ª página, e que achei curiosa, pela semelhança de nomes.

Toda a semelhança, porém, é pura coincidência. Primeiro, *calle*, em espanhol, não vem de *calar*, até porque não é fácil calar o Manuel Monteiro, do PP.

Não, *calle* em espanhol, quer dizer Rua em português, e a essa Rua numa pequena cidade da província de Málaga, Sul de Espanha, foi dado o nome dum notável *Manuel Montero*.

Depois, está visto que em Espanha também há muitos *Monteros*, no Sul como no Norte.

Este é do Sul, Mas uma vez um irmão meu, que também leva o nome de Manuel Monteiro, foi a Vigo a um estabelecimento comercial. Tendo de exhibir um documento, o respectivo proprietário achou graça ao apelido *Monteiro*, e comentou alegremente: "*Monteiro?! - Es nombre gallego, Montero*".

Eles são espanhóis ou galegos, nós portugueses e minhotos, com muita honra! Podemos estimar-nos reciprocamente.

Retomando o fio da meada, façamos a apresentação de outros MONTEIROS do Monte e da Abelheira.

4. RAMO MONTEIRO CUNHA

Já me referi aos *Monteiro Cunha* ainda vivos ou recentes, mas a ligação entre os dois apelidos vem de longe, e os livros paroquiais registam isso com frequência. Exemplos: *Clara Monteiro Cunha*, filha de António Monteiro Cunha e de Ana Martins, do Monte, casou a 23.8.1876 com Bernardo Marques Rei.

Luísa Monteiro Cunha, irmã da anterior, casada com Joaquim Gonçalves Patrão a 5.7.1880, é avó no Registo de Baptismo n.º 45/1903.

Outra irmã, *Rosália Monteiro Cunha*, casou a 31.5.1880, com João Alves da Silva.

Em 1918 (Cadastro Paroquial), vivia na Abelheira, Joaquim Monteiro Cunha, sendo Antónia a sua mulher. Ele tinha nascido a 19.6.1887 (Reg.º n.º 26), filho de Manuel Monteiro Cunha e neto de António Monteiro Cunha.

Em 1918, também vivia na Abelheira, Felicidade Monteiro Cunha.

Mas já em 1838, no baptizado de *Ana Monteiro*, filha de António Monteiro Velho (meu trisavó), os padrinhos foram José Tomás Monteiro e Ana Monteiro, mulher de António José da Cunha, do lugar do Monte, em clara aproximação de Monteiros e Cunhas.

Igualmente, no baptizado de José Monteiro, também filho de António Monteiro Velho, no dia 11.3.1835, o padrinho foi António, solteiro, filho de Maria da Cunha, primo paterno do baptizado.

5. Outros MONTEIROS

Teresa Francisca Monteiro, da Abelheira, filha de Manuel José Pedreiro e de Francisca Monteiro, irmã de meu trisavó António Monteiro Velho Requião, foi casada com Francisco de Outão. Baptizaram a 6.11.1837 a filha Maria Rosa.

António Monteiro (também chamado "O Novo"), filho de Francisco Monteiro e de Maria Gonçalves Brasileira, foi casado com Ana Alves (ou Martins), do lugar do Monte, e tiveram vários filhos, entre 1838 e 1857.

Uma filha deste casal, *Felicidade Monteiro*, baptizada a 1.2.1848, ficou solteira, e como tal vivia na Abelheira m 1918, segundo o Cadastro da época.

Luís Monteiro, da Abelheira, foi padrinho dum menino nascido a 12.11.1833, bem como duma sua sobrinha, filha de sua irmã Maria Francisca Monteiro, a 18.8.1836.

Esperança Monteiro, casada com José do Nascimento, da Abelheira, baptizou em perigo de vida, em 1840, um filho de António Monteiro e Ana Alves. Isto é um exemplo interessante de consciência eclesial, perante a iminência da morte de uma criança.

Clara Monteiro, foi casada com José Fernandes Ribeiro, foi a avó de José Fernandes Ribeiro, baptizado a 19.3.1906, n.º 20.

Ana do Nascimento Outão, filha de José Pedro do Nascimento outão e de Esperança Francisca, neta materna de *Francisca Monteiro*, do Monte, casou, com 35 anos, a 5.7.1862, com Manuel da Costa.

Josefa Monteiro Tarria, da Abelheira, filha de Manuel José Monteiro e de Ana Martins Tarria, da Apúlia, casou em Marinhas a 16.10.1862, com Manuel Gonçalves da Costa, de Belinho. As testemunhas foram o Pe. António José de Paiva, Arcipreste de Barcelos e *José Monteiro*, da Abelheira.

Joaquina Gonçalves Regado, filha de José Gonçalves Regado, de Esposende, e de *Clara Monteiro*, da Abelheira, casou a 7.2.1866 com Manuel Martins Mano.

Sua irmã Antónia (Gonçalves Regado) casou a 3.9.1866 com Manuel da Câmara.

Ana Vitória Monteiro Tarria, do Narciso, do Monte, filha de José Narciso Jorge, sapateiro, e de *Maria Monteiro Tarria*, casou a 7.5.1873, com José Joaquim Gonçalves Carvoeiro.

Teresa Monteiro, filha de Esperança Monteiro e de José Pedro do Nascimento, do lugar do Monte, casou a 6.9.1878 com Luís Alves da Laje, com dispensa do 3.º grau de consanguinidade por parte dos *Monteiros*, por os avós serem irmãos.

CONCLUSÃO

Tinha afirmado, antes, que os Monteiros de Marinhas, actualmente reduzidos a poucos, já tinham em tempo sido numerosos, no Monte e na Abelheira.

E é o que estes meus artigos demonstram, sobretudo o III e este IV. No entanto fiz uma amostragem apenas parcial. Muitos mais indivíduos, de ambos os sexos, podiam ser apresentados, a partir

dos Baptismos, Casamentos e Óbitos, com o apelido *Monteiro*, podendo-se reconstituir famílias inteiras, em mais que uma geração.

Mas aconteceu um fenómeno generalizado de cruzamento de *Monteiros* com outros apelidos, que, pela interferência frequente de mulheres nos casamentos, limitou a transmissão do apelido *Monteiro*, tendência que se vai acentuar mesmo a partir das gerações actuais.

Há apenas um caso com que a linha masculina se mantém, mas com esse deu-se uma saída de Marinhas, com regresso pouco provável à terra.

Em muitos outros casos, ter-se-á perdido a consciência de descender de *Monteiros*, por haver predominância de outros apelidos, mas o sangue *Monteiro* continua a correr, ao menos remotamente, nas veias de muitos habitantes do Monte e da Abelheira.

O bairrismo são

Continuação da pág. 2

nos materiais e morais incalculáveis e de difícil reparação.

4. Não se compreendem os bairrismos desregados ou doentios sobretudo entre freguesias do mesmo concelho como, por exemplo, entre Esposende - Marinhas e Esposende - Fão, para citarmos apenas estes dois exemplos, sendo correcto que, quando em confronto directo, cada espectador incite e aplauda a sua equipa com correcção mas, fora desse contexto, a nossa simpatia e o nosso apoio deveria encaminhar-se sempre para todas as freguesias do concelho com Esposende em lugar primeiro por, justamente, constituir a respectiva cabeça.

Com efeito todas as freguesias de um determinado concelho são como que **irmãs umas das outras**, congregadas numa divisão administrativa com órgãos de superintendência sobre todas elas.

Com os países deveríamos agir semelhantemente e, assim depois de Portugal e dos países de expressão oficial portuguesa, seria a vizinha e irmã Espanha a merecer a primazia da nossa afeição.

É que, embora nos tempos correntes, nós devamos considerar nosso próximo todos os seres humanos de todos os continentes, tal sentimento deve expressar-se e concretizar-se primeiramente pelos que nos estão mais próximos.

Devemos, pois, ser bairristas no bom sentido do termos, prestando apoio e ajuda, dentro dos limites das nossas possibilidades às organizações paroquiais, concelhias e nacionais mas respeitando escrupulosamente os direitos das outras localidades nacionais e os países estrangeiros.

Só assim engrandeceremos verdadeiramente **Marinhas** e faremos corresponder a sua grande beleza natural à beleza e grandeza dos nossos sentimentos.

FAMÍLIA MARINHENSE

Novembro - Mês dos Fiéis Defuntos

Continuação da página 1



É precisamente a esta família, que tem muitos membros presentes no espaço atrás referido, mas também noutras paragens da face da terra, que todos os meses, quanto me seja possível enviarei umas letras referentes à nossa vida Paroquial.

Este mês - Novembro - começa precisamente por um acto verdadeiramente familiar - é a visita ao cemitério onde se encontram os restos mortais daqueles que da nossa companhia se foram para a eternidade - encontro dos do presentes com os do passado!

Que dizer deste acto familiar e social? Saudade? Amizade? Gratidão? Entendo que é tudo isto e muito mais. Sem dúvida que deve ser uma manifestação de saudade de alguém que nos era muito querido e de nós se afastou para a eternidade, logo, também deve ser uma prova de amizade, e de gratidão pelo muito que por nós fizeram aqueles que da lei da vida se libertaram. Mas, dizia eu, deve ser ainda muito mais. Sim, deve ser também a expressão da nossa fé e da nossa esperança; da fé que nos diz: a vida não termina com a morte natural, mas prolonga-se na eternidade e da esperança de um dia nos vermos de novo e passarmos a viver em comunhão com eles, com a Sma. Trindade e com todos os eleitos.

SÍNODO

Somos uma família paroquial e como na nossa família natural, nem sempre tudo corre pelo melhor, o que exige reflexão, correcção e compromisso. Precisamente porque se deseja uma paróquia mais evoluída, mais actualizada e mais agradável a todos, aí estão os Grupos Sinodais a reflectir, a analisar sobre o que é a Paróquia hoje e como torná-la melhor. Mas, este trabalho tem de ser assumido por todos nós: vendo, sugerindo e actuando. Não basta dizer que isto ou aquilo está muito mal, é preciso sugerir soluções e tomar compromissos. Só assim algo de novo surgirá em proveito de todos.

Mesmo que não estejas integrado em algum grupo, mesmo assim não deixes de adquirir os temas, de estudá-los e de colaborar na modernização da tua Família-Comunidade.

FORMAÇÃO

A renovação da Comunidade depende muito da cultura e formação dos seus membros, ora, perante o número elevado de crianças, adolescentes, jovens e até adultos, a frequentar as aulas, encontros de formação, cursos para animadores, etc., etc., não podemos deixar de manifestar a nossa alegria e de os felicitar desejando-lhes bom aproveitamento no ano em curso.

Pe. Avelino Filipe

A Primorosa
Marbela

FABRICO PRÓPRIO E DIÁRIO
DE PASTELARIA FINA,
ESPECIALIZADO EM
PÃO DE LÓ E BOLO REI

Telefs. 961563/963274

4740 ESPOSENDE

1995.10.24

Talho Machado

de — José Alberto da Cunha Machado

CARNES VERDES, FUMADAS • PRESUNTO CASEIRO DA SERRA

Lugar da Igreja - Marinhas • Telef. 965905 • 4740 ESPOSENDE

Lágrimas de Portugal

Continuação da 1.ª pág.

Alvarenga. Não podemos esquecer que é representado por amadores, mas que deram o seu melhor para fazerem um bom espectáculo, pois sabem que Marinhas desde há muito, está habituada a ver grandes marinhenses na arte de representar.

Na sua primeira apresentação, o Grupo Polifónico pela voz de Albino Neiva director e autor musical da obra, aproveitou o momento para homenagear homens que outrora deram grande momentos de teatro às Marinhas, nomeadamente o Sr. Querubim Patrão, António de Lemos e ainda mais recentemente o Joaquim Patrão de Abreu (Quim Tarrío), já falecidos. Para eles foi pedido um minuto de silêncio.

Com vista a um melhor esclarecimento do surgir deste espectáculo tivemos uma breve conversa com Albino Neiva. Desde já aproveitamos para agradecer a disponibilidade e a franqueza com que aceitou a responder-nos às seguintes questões:

Como nasceu a ideia de novamente resurgir o teatro nas Marinhas?

A ideia de reactivar o teatro em Marinhas não partiu do nosso grupo. Foi sim de uma malograda intenção de um outro grupo de amigos em colocar em cena "O Nove de abril".

Posteriormente, Janeiro.94, como elemento da Direcção do Centro Social da Juventude Unida de Marinhas, desafiei os sócios em Assembleia Geral, para o sector do "Teatro", adormecido há longos anos e não menos ultrajado outros tantos, concluindo na apresentação do Plano de Actividades, que se ficasse só no barco, iria convidar outros marinhenses.

Assim os factos se desenvolveram. Assim nasceu o sonho da tentativa de nos iniciarmos na arte de representar (cantando). Fiz o convite ao grupo que dirijo, perante o vazio existente no CSJUM, encontrando uma vontade e entusiasmo que se poderão avaliar pelos resultados alcançados.

Convém salientar que todos os passos foram dados com o aval e apoio logístico, económico/financeiro do mesmo Centro, sem o qual não partiríamos para uma aventura condenada ao fracasso.

Um breve historial do Grupo Polifónico.

Com apenas três anos de trabalho, muito pouco ou nada há a dizer sobre o nosso grupo. No entanto gostaria de recordar que uma boa parte dos elementos pertenceram ao saudoso grupo "Rainha das Vitórias", que por razões óbvias não vou abordar.

A nossa 1.ª e única tarefa é animar a Eucaristia dos Domingos à tarde.

Como eu lhes tenho dito constantemente: temos muito que caminhar e sofrer para merecermos o nome de grupo polifónico. No entanto, querer é poder. Mas nesta especialidade e



tendo em atenção a sua finitude, a arte não se compadece.

Gostaria de ver outras pessoas a representar (cantar)? Acredita que efectivamente as pessoas mais envolvidas eram mesmo as melhores que dispunha no grupo?

É uma questão muito delicada, mas que a abordarei sem qualquer mito.

Ao recolocar o desafio, desta vez ao Grupo Polifónico de Marinhas, acordámos que seria apenas com a "prata da casa" e que todos nós seríamos responsáveis pelo sucesso ou insucesso do projecto.

Nessa altura o grupo tinha apenas um ano e meio de actividade, o que é francamente pouco para transpirar Arte. Com a necessidade de 22 elementos a cantar a "solo", poucas alternativas de selecção dispunha. Corremos esse risco. Mas também acordámos, se sentíssemos que a qualidade global da obra fosse duvidosa, teríamos que ter a coragem suficiente para, sem ressentimentos, abandonar os trabalhos sem culpabilização individual.

"A sorte protege os audazes". Era o grito, que milhares de vezes chamei, no meu tempo de serviço militar. Este também quis estar do nosso lado.

A maioria esmagadora dos intervenientes jamais pisou um palco. Acrescentando a este grau de dificuldade a não representação de um teatro, mas sim de um musical, a mesma se duplica em termos de concentração no texto, no ritmo e na melodia.

Se gostaria de ver outras pessoas a representar (cantar). Sim e não. Foi uma opção com, um grupo de amigos que me encontro todos os sábados à noite para trabalhar. A vida ensina-me que o sonho é importante, mas tenho que acordar constantemente. Foi com aqueles que se disponibilizaram.

Se são os melhores do grupo! Como já referi, poucos elementos ficaram sem tarefas específicas. A medida de cada um foi aquela, dada com muito amor e carinho, sem pretensões no futuro. A nossa humildade confessada no início do espectáculo não deixava margens para

dúvidas. Quem assim não o entendeu perde a seriedade e torna-se ingrato perante um grupo de pessoas simples e pequenas mas grandes de coração. Tivemos algumas baixas no percurso. Isso não nos incomodou, pelo contrário, mostrou-nos que a vontade de vencer está acima de preconceitos.

Para concluir esta questão, alguns actores do exterior foram convidados para o grupo tendo em conta a realização do espectáculo, mas não aceitaram as regras do jogo o que na altura respeitei essa decisão, embora demonstrando a minha mágoa aos mesmos, sem o dar a entender a terceiros.

Aproveito a oportunidade, se me permittem: preciso de gente com vontade de cantar sem olhar à idade, condição social, amizades... Venham fazer uma experiência. Não se arrependirão e ninguém ficará marcado.

Nós estivemos presentes, achamos que a população foi bastante grata para consigo particularmente, e para com o Grupo. Também o considera?

Seria ingratidão da minha parte não considerar o apoio voluntário de toda aquela moldura humana que encheu por completo durante as duas sessões a sala de espectáculos. Aquela apoio não se dirigiu à minha pessoa como disse e é importante que essa leitura se faça. Foi um trabalho colectivo e separar atribuições é analisar superficialmente.

Também gostaria de salientar o acto de civismo e compreensão, criando um ambiente de empatia na relação actor-público, demonstrado pelos presentes ao longo de duas horas e meia em condições climatéricas pouco aconselháveis. Para todos em geral o meu sincero aplauso.

Valeu a pena realizar o "Lágrimas de Portugal"?

Bom, é um pouco complicado responder. Como alguns saberão, fui o compositor da obra. Expor um trabalho nosso, é no mínimo gratificante, mesmo correndo o risco de fortes críticas construtivas. Sentir nos outros a satisfação de um trabalho realizado foi concluir

um sonho de cinco anos. Excluindo o "Hino de Marinhas" e a "Marcha S. João" já com alguns anos de existência, o texto foi escrito especificamente para eu musicar por uma colega e amiga, Dra. Luísa Alvarenga. Durante dois meses contei-lhe pequenas histórias: umas sentidas por mim, outras recordando a memória da minha avó materna.

Assim nasceu esta história sobre a nossa terra que é original no libreto "Lágrimas de Portugal". Foi a minha 1.ª experiência de compor uma obra de longa duração, no estilo de música ligeira com alguns sabores populares. Outros pequenos trabalhos de curta duração, ao longo da minha vida de professor de Educação Musical, têm surgido com aplicação profissional, realçando apenas um outro de particular interesse: "Auto de Natal" com a duração de 30 minutos aproximadamente e que ainda se encontra adormecido na minha estante.

Será uma experiência para repetir?

Como concordarão comigo, este espectáculo precisa de ser rodado mais algumas vezes para justificar o investimento humano e material.

Temos já agendado para o dia 18 de Novembro uma representação em Vila Cova e no dia 2 de Dezembro em Apúlia. Também e para terminar com este projecto, encerraremos esta 1.ª experiência na nossa terra no dia 30 de Dezembro, se o Salão Paroquial estiver disponível e em especial se sentirmos que a mesma se justifica.

Recordando a velha tradição da JUM de todos os anos apresentar em cena um novo trabalho, geralmente de boa qualidade, isso torna-se para nós totalmente impossível, tendo em conta o nosso primeiro objectivo e para o qual existimos. Mas um segundo projecto, um semi-musical: "Irmãos de Sangue", também original em Portugal, contando para o mesmo com vários colaboradores na sua tradução, nos faz sonhar. Já o adaptei numa versão em português e na melhor das hipóteses arrancarão os trabalhos no ano de 1997.

Para terminar, gostaria de agradecer em nome do Grupo Polifónico de Marinhas a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que este projecto fosse exequível, destacando o Presidente da Fabriqueira de Marinhas, Rev. Padre Avelino, nosso pároco, e à Direcção do Centro Social da Juventude Unida de Marinhas onde fomos um complemento do seu sector cultural.

Marinhas, Outubro.95
Albino Casado Neiva

O nosso património arquitectónico

Por iniciativa do Sr Arcebispo Primaz de Braga D. Eurico dias Nogueira, preocupado com a "Preservação do Património Sacro da sua Diocese, realizou-se no fim do mês de Setembro no Centro Apostólico do Sameiro, uma primeira reunião presidida pelo Sr Arcebispo Primaz e que contou com a presença de todos os vice-arcebispos de delegados das mesmas áreas.

Esta reunião foi convocada para dar início ao levantamento considerado Património histórico e cultural como bem Precioso da humanidade das nações e das comunidades e ver nele um expoente de cultura de valorização das pessoas dos corpos sociais e do Poder.

Como a comunidade de Marinhas está inserida na Arquidiocese de Braga, é natural que os órgãos sociais desta Paróquia, desejem aderir a esta preocupação do Sr Arcebispo Primaz.

Como o Património Sacro da nossa comunidade se pode considerar modesto, sem

pre existe algum o qual deve ser preservado.

Observando o Património arquitectónico de Marinhas é de salientar para o respectivo levantamento, o degradado Cruzeiro de cimento e com a sua barraca de plástico implantado no mesmo adro. A belíssima tasca de S. Bento e o seu exemplar ambiente, os mastros em ferro em frente de algumas capelas com latas de zinque

penduradas, onde essas se perpetuam nas fachadas das capelas e muitas vezes são mais bem zeladas dos os seus capiteis as suas comijas.

São estas grandes obras da «Arquitectura Moderna Sacra» que se fizeram na nossa comunidade e merecem ser preservadas.

Gaspar Nóvoa

COMÉRCIO A RETALHO
DE MATERIAL
PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Sérgio Augusto Duarte dos Santos

Lugar da Igreja - Forjães • Telef. 871204 • 4740 Esposende

CASA TEIXEIRA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DE —

LEONARDO JOSÉ DE JESUS TEIXEIRA

*Visite-nos, se deseja
encontrar beleza
e qualidade*

SALÃO DE EXP., VENDAS E ESCRITÓRIO:

Rua Sra. da Saúde, 8
Telef. (053) 961316
4740 ESPOSENDE

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Taça de Portugal - 2.ª eliminatória

F. C. MARINHAS, 0 - SP. LAMEGO, 4

Jogo no campo de S. Miguel.

Árbitro: Conceição Luís (Porto).

MARINHAS - César; Zé Carlos, Josué, Paulo Mota (Nunes) e Graça; Luisinho (Victor Hugo), Bento e Gijo; Abel Soares, Roger e Abílio (Pontes).

SP. LAMEGO - Rebelo; Tó Rodrigues, José Augusto, Alexandre e Picaré; Canário (Luciano), Zé Maria (Luis Miguel) e Oliveira; Duca (Jorge), Abreu e Rui Peneda.

Contra factos não existem argumentos está é a pura realidade daquilo que se passou no Campo de S. Miguel nas Marinhãs em jogo a contar para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal. Neste jogo a defesa do Marinhãs não era uma defesa mas sim um queijo com muitos buracos. E deram tantas facilidades e tantas "fifias" que claro está só lhe resta sofrer golos atrás de golos. Neste jogo foram quatro e muitos outros ficaram por marcar, pois o Lamego, uma equipa da 2.ª Divisão "B" até se deu ao luxo de jogar a meio gás, dadas as facilidades encontradas. Nos primeiros quinze minutos ainda o Marinhãs conseguiu segurar o domínio dos visitantes, mas quando apareceu o primeiro golo, aí sim o Lamego foi rei e senhor do jogo dominando a seu belo prazer, um conjunto Marinhense que continua desmotivado, paupérrimo e sem moral para dar a volta a um resultado que lhe seja negativo. Na segunda parte, a equipa do Lamego limitou-se a gerir a van-

tagem que tinha e passou a jogar simplesmente em contra-ataque, explorando a técnica e a velocidade, quer de Rui Peneda (uma dor de cabeça para a defesa do Marinhãs) quer de Duca, e os golos foram surgindo com grande naturalidade dada a maior experiência e maturidade da turma visitante. Pronto: aqui fica a história da crónica de uma vitória justíssima, e seus mácula, de uma equipa que apenas precisou de jogar o quanto basta, perante um Marinhãs, que tem urgentemente de retratar-se, e a precisar de uma terapia, pois caso contrário o mal acabará por o consumir irreversivelmente. Conceição Luis, o árbitro da partida e a sua equipa tiveram um trabalho exemplar, facilitado pela correcção dos jogadores pelo que pouco se deu pela sua presença, o que é coisa boa, em quem tem que ajuizar ou bem ou mal. Houvesse muitas arbitragens como esta, e certamente o futebol não seria muitas vezes injustiçado como tem sido até aqui.

Campeonato Nacional da III Divisão

VALENCIANO, 2 - F. C. MARINHAS, 1

Jogo no Estádio Dr. Lourenço Raimundo em Valença do Minho.

Árbitro: Leonel Moreira (Porto).

MARINHAS - César; Zé Carlos, Josué, Pavão e Graça Ramos; Luisinho (Gijo), Rui Futre (Abílio) e Zé Miguel; Abel Soares, Roger e Pontes (Bento).

Numa bela tarde, para a prática do futebol, o Valenciano entrou bem no jogo e aproveitou logo aos 3 minutos a fragilidade da defensiva do Marinhãs ao marcar o primeiro golo, golo esse muito consentido, principalmente pelo guardião do Marinhãs. Eram volvidos 30 minutos de jogo e após a marcação de um pontapé de canto os locais aumentariam o resultado para 2-0, que dava um prémio merecido para a melhor equipa em campo. Quando o intervalo se aproximava os Marinhenses reduziram para 2-1, por intermédio de Graça Ramos.

Na segunda parte tudo foi diferente, o Valenciano com o resultado a seu favor, não quis arriscar e defendeu com grande

empenho, a sua baliza, tendo o empate quase chegado a acontecer, mas por diversos motivos, não foi possível. Do banco Marinhense tudo se tentou para virar o rumo dos acontecimentos mas os azuis e brancos, continuam ser discernimento e desmotivados para virarem qualquer resultado que lhe seja adverso. Foi um jogo em que o resultado se pode aceitar, mais pela falta de capacidade e desorientação do Marinhãs e sobretudo pelo empenhamento da equipa de Valença. Veremos se com a chegada do novo técnico as coisas começam a melhorar. O trabalho do árbitro Leonel Moreira do Porto e seus auxiliares pode considerar-se globalmente positivo.

F. C. MARINHAS, 1 - JOANE, 2

Jogo no campo de S. Miguel.

Árbitro: Manuel Mesquita (Porto).

MARINHAS - Giesteira; Roger, Pontes (Bento), Abel Soares, e Rui Futre (Victor Hugo); Gijo, Graça Ramos e Pavão; Milhazes, Cláudio e Luisinho.

O Marinhãs poderia ter arrecadado os três pontos em disputa face ao jogo que desenvolveu e às inúmeras ocasiões de golo que criou. Apesar de os visitantes actuarem com três centrais, o domínio foi completo para a equipa do Marinhãs que desbobinou um futebol mais ofensivo controlando com grande brio e raça quase toda a partida, o que já não víamos há muito tempo, o que mesmo assim não impediu que fossem os visitantes a abrirem o activo à passagem dos 25 minutos. Este golo causou um certo nervosismo aos jogadores do Marinhãs, porque passavam a estar a perder com um adversário que à partida persegue os mesmos objectivos que passam pela manutenção no Nacional da III Divisão. Logo no início da segunda parte o Marinhãs, se até aí dominava, ainda pressionou mais, com mais agressividade, e mostrou que estava a jogar bem, e o golo da igualdade surgiria a dez minutos do final num lance onde Roger foi mais rápido que o guardião visitante. Foi a alegria quer do autor do golo, quer da massa associativa, que viam tanto

domínio mas o golo não surgia. Só que em futebol só ganha quem marca, e a 3 minutos do final os visitantes num lance feliz, marcaram o 2.º golo, golo esse que fez cair por terra as esperanças de os Marinhenses obterem um resultado positivo. Pelo que se viu neste jogo a falta de sorte do Marinhãs, foi a nota dominante, porque é certo que perderam, mas tudo fizeram, lutando até à exaustão pelo melhor resultado.

No final o treinador do Joane num acto de desportivismo e em declarações aos órgãos de comunicação social escrita e falada, presente no Campo de S. Miguel afirmou, que de facto teve muita sorte neste jogo, e disse mesmo que o Marinhãs por aquilo que jogou e lutou não merecia sair derrotado. Mas o futebol é assim mesmo, ganha quem marca, mas ao contrário, daquilo que se verificou noutros jogos, o Marinhãs saiu injustamente derrotado.

A arbitragem do Sr. Manuel Mesquita foi de elevado nível sendo um pouco "mesquinho" na amostragem dos cartões amarelos.

BRAGANÇA, 4 - F. C. MARINHAS, 0

Jogo no Estádio Municipal de Bragança.

Árbitro: Nélcio Mendonça (Viseu).

MARINHAS - Giesteira; Abel Soares, Roger, Luisinho (Victor Hugo) e Gijo (Abílio), Milhazes, Bento (Rui Futre) e Pavão; Cláudio, Graça Ramos e Zé Miguel.

Foi uma partida dominada por completo pelos jogadores do Bragança no magnífico tapete verde do Estádio Municipal de Bragança. A história do jogo resume-se aos golos, e oportunidades perdidas pelos locais e pouco mais há a acrescentar. O Marinhãs sofrendo dois golos aos 11 e 16 minutos nunca encontraram soluções para contrariar os donos da casa. Daí que o Bragança chegou à

goleada com toda a naturalidade deixando mais alguns golos por marcar. Foi um triunfo sem o mínimo de contestação dos visitantes, que de facto foram superiores ao Marinhãs durante toda a partida. A equipa do Marinhãs nunca se encontrou neste jogo e por isso esta derrota, acaba por ter a sua justificação. O trio de arbitragem realizou um bom trabalho.



AG.ª MARINHO
Marinhãs

Licença n.º 458 - AMI
Sócio efectivo n.º 497 - APEMIL
Seguro responsabilidade - 50.000.000\$00
Contribuinte n.º 810 160 595


COMPRAS - VENDAS - ARRENDAMENTOS - AVALIAÇÕES - TRESPASSES
Av. Valentim Ribeiro • Tel 961117 • Fax 964233 • 4740 ESPOSENDE

Raul Laranjeira da Silva Meira

CONSTRUÇÃO CIVIL

COM BONS ACABAMENTOS

Lugar do Monte - Marinhãs • Telef. 963647 • 4740 ESPOSENDE



Empresa de Contabilidade de Braga, Lda.

Aurélio Neiva

ESCRITÓRIO:
Av. Valentim Ribeiro - Urb. A. Zão - Ent. 2 - Bloco A3 - 1.º Dto • Tel. 961680 • 4740 ESPOSENDE
Rua Araújo Carandá, 154 • Tel. 611166 • 4700 BRAGA
RESID.: R. José Inácio Areias, Outeiro - Marinhãs • Tel. 964545 • 4740 ESPOSENDE

Serralharia do Moinho

de *Eduardo Ribeiro Capitão*

Goios - Marinhãs • Telef. 961066 • 4740 ESPOSENDE

LISTA DE APOIO

Dr Albino Casado Neiva (Marinhãs)	2 000\$00
Alberto Pires Peixoto (Marinhãs)	2 000\$00
Joaquim Capitão Couto André	2 000\$00
Anónimo de Marinhãs	2 000\$00

NOVO TREINADOR

Depois de algumas peripécias o novo treinador do F. C. Marinhãs é Celestino Rocha, que já orientou o encontro com o Joane.

Em declarações aos órgãos de comunicação social o Presidente da Direcção do F. C. Marinhãs, disse que tinha dias antes chegado a acordo para o regresso ao clube do antigo técnico José Mendonça. Mas como diz o Presidente do Vitória de Guimarães Dr. Pimenta Machado "o que é hoje verdade amanhã é mentira", o cotado técnico no espaço de 30 minutos "roeu a corda" ao Marinhãs, o que obrigou o Presidente do clube a virar-se para outras paragens. Por aqui se vê o carácter e a personalidade de alguns homens do futebol. Palavras para quê? É com situações como esta, que as pessoas cada vez acreditam menos no futebol.

NOVOS REFORÇOS

A direcção do F. C. Marinhãs, não se poupou a esforços no sentido de melhorar o rendimento da equipa, e para tal contratou mais dois jogadores experientes para reforçar o seu plantel, são eles, Cláudio (ex-Neves) e Milhazes (ex-Desportivo das Aves). Já se estreadam frente ao Joane e por aquilo que se viu são dois bons jogadores, mas quanto a nós o problema desta equipa, é não ter um ou dois pontos de lança que façam a diferença. É um problema, e acima de tudo uma grande lacuna, aquilo que se passa no sector atacante, ávido de homem golo.

"DIREITO DE RESPOSTA AO ABRIGO DA LEI DE IMPRENSA"

"Quem paga a limpeza das Praias do ano 94"

Sob o título em epígrafe, veio publicado no jornal "Voz das Marinhãs", n.º 14, de 30.9.95, e assinado por Martinho Abreu Ferreira, uma notícia cujo conteúdo é falso e põe em causa duas entidades que merecem o devido respeito.

Diz-se no artigo que, "um grupo de jovens procedeu, em Julho de 1994, a trabalhos de limpeza e até hoje ainda não receberam qualquer centavo".

A Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende (APPLE) ou a Associação Rio Neiva, não contactarem o grupo de jovens atrás referido, ou quem pretende representá-los, para executarem tais trabalhos. Devemos dizer que tal colaboração não existiu nem foi desejada porque houve antecedentes que levaram a negar a sua aceitação, os quais passamos a divulgar:

Em 1993, o Clube Jovem das Marinhãs propõe à APPLE a remoção, nos meses de Julho e Agosto, do lixo das praias, com um grupo de 10 jovens. Tal proposta foi aceite e acordou-se que o trabalho decorreria na zona de Ofir, garantindo a APPLE o pagamento do montante acordado. O transporte de Marinhãs a Ofir e regresso era assegurado pela Junta de Freguesia de Fão.

Sensivelmente a meio do período, o grupo, por desavenças internas abandonou o serviço deixando a área, no período balnear máximo, sem pessoal de limpeza.

Entretanto, a junta de freguesia de Fão quei-

xou-se de que a viatura que transportava os jovens havia sido danificada nos estofos por golpes de canivetes.

Perante tal situação foi convocado um elemento directivo do Clube Jovem das Marinhãs que não o Sr. Martinho Abreu Ferreira, ao qual se deu conhecimento do sucedido e se manifestou o desinteresse em colaborações futuras.

Pelo trabalho realizado foram pagos, na altura 148.000\$00 (cento e quarenta e oito mil escudos).

Em Fevereiro de 1994, o Sr. Martinho Abreu Ferreira, enviou uma carta propondo que um grupo de 24 jovens procedesse, no Verão, a trabalhos de remoção de lixos nas praias. Foi informado de que não estavam interessados na colaboração e que havia sido acordado com a Associação Rio Neiva a coordenação de tais trabalhos. Informámos também a Associação Rio Neiva para não aceitar a colaboração do grupo dado às ocorrências anteriores.

SE, efectivamente, o grupo referido na notícia andou a fazer recolha de lixos, o que não se notou no terreno, foi por sua inteira conta e risco ou de quem lá os mandou, que não a APPLE ou a Associação Rio Neiva.

Agradecia assim a V. Exa., se dignasse, ao abrigo da Lei de Imprensa, publicar este esclarecimento.

Com os melhores cumprimentos;

O Director

(Eng.º José Luís S. Gonçalves)

Na sequência de um artigo publicado no mensário "Voz de Marinhãs, n.º 14, datado de 30 de Setembro de 1995, com o título "Quem paga a limpeza das praias do ano 94", e assinado por Martinho Ferreira Abreu, venho, na qualidade de Presidente da Direcção da Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente, prestar esclarecimentos que julgo oportunos, com o objectivo de repor a verdade e corrigir insinuações aí produzidas, capazes de afectar a Direcção na sua honra e lesar o prestígio da Associação Rio Neiva.

Passamos a transcrever duas afirmações feitas por Martinho Ferreira Abreu, no referido artigo: "...Também é certo e sabido que quem deve pagar (a limpeza das praias) é a Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende ou a Associação Rio Neiva, associação que estranhamente ficou com toda a documentação para este tipo de projectos"... "Quando estava prestes a começar o dia (de limpeza) pedi o número de telefone de um dos directores do Rio Neiva e perguntei-lhe quantas vagas estavam para as Marinhãs, ao que disse haverem 12".

A propósito destas inverdades, cumpre-nos fazer as seguintes considerações:

1.º A Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente, Pessoa Colectiva com o n.º 502 504 218, com sede em Antas, é uma associação de carácter regional com uma área de intervenção que abrange o Vale do rio Neiva e o litoral de Esposende. Na sua qualidade de organização não governamental, não lhe compete atribuir verbas ou financiar iniciativas de grupos ou jovens que actuem em actividades exteriores aos seus projectos e actividades.

2.º A Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente, através do ofício datado de 94/05/18, com a referência 45/94, propôs à Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende uma acção de limpeza das praias do litoral e de sensibilização dos utentes para a sua conservação. A APPLE, através do ofício com a referência 697/94 informou a Rio Neiva da aprovação do projecto. A acção realizou-se de 1 de Julho a 15 de Setembro de 1994 e os objectivos propostos foram cumpridos. Os 12 jovens que se inscreveram na iniciativa e participaram na acção receberam, atempadamente, o respectivo pagamento.

3.º Não existe documentação específica para este tipo de projectos, pelo que a Associação Rio Neiva não poderia ficar "estranhamente com toda a documentação" (sic), como afirma Martinho Abreu Ferreira. Existe, sim, um ofício em que a Rio Neiva propõe à APPLE uma prestação de serviços.

4.º Quanto à segunda afirmação de Martinho Abreu Ferreira, foi-lhe dito, quando telefonou a "um dos directores do Rio Neiva" (sic) que a APPLE tinha aprovado um projecto apresentado pela Associação e que esta iria recrutar 12 jovens para a realização do mesmo. Foi-lhe dito, ainda, que a Rio Neiva não poderia pagar a actividade dos jovens que não se enquadrassem na Operação Nortada/94, designação dada à iniciativa.

É nosso parecer que os 9 jovens de Marinhãs que Martinho Abreu Ferreira diz terem trabalhado na limpeza da praia em 1994, devem reivindicar-lhe o dinheiro que este prometeu pagar-lhes, pois parece ser o único responsável pela iniciativa que tomou.

Face às graves acusações contidas no artigo em questão, a Direcção da Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente deliberou apresentar, junto do Ministério Público, a respectiva queixa crime.

Antas, 20 de Outubro de 1995.

O Presidente da Direcção
(Carlos Eduardo Viana)

Club Jovem de Marinhãs

O Club Jovem de Marinhãs, reaparece com novos corpos gerentes para a época 1995/96 com o propósito de dar continuidade a um trabalho que quase não se concretizou.

Para o efeito, a nova Direcção vai procurar dinamizar várias modalidades desportivas como não podia deixar de ser o Atletismo, já Federado e em franca actividade, tendo participado no passado dia 15 do corrente mês na Meia Maratona "Cego do Maio" na Póvoa de Varzim.

De salientar a vitória do Nuno Cepa, que se sagrou vencedor na categoria de Juniores.

A próxima prova será em Santiago de Compostela/Espanha, prova denominada "Os 15 Quilómetros de Santiago". O Ciclismo e BTT (Bicicletas Todo-o-Terreno), Pesca Desportiva e

Xadrês, serão actividades a arrancar de seguida.

A nova Direcção é a seguinte:

Assembleia Geral

Presidente: Padre Avelino Marques Peres Filipe. **Vice-Presidente:** Manuel Fernandes Marques. **Secretário:** Nuno Filipe Calheiros Cepa.

Conselho Fiscal

Presidente: José de Jesus Martins Pilar. **Vice-Presidente:** Francisco Rogério Nascimento Abreu. **Relator:** Fernando Calheiros.

Direcção

Presidente: Joaquim Capitão Couto André. **Vice-Presidente:** Adão de Lima Ribeiro. **Secretário:** Martinho de Abreu Ferreira. **Tesoureiro:** Álvaro Rodrigues Vila Chã. **Vogal:** Mário Abreu das Cruz.

OFICINA AUTO

de — Carlos Alberto & Abílio Ferreira, Lda.

REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS - ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES

Abelheira - Marinhãs • Telef. 962525 - 4740 ESPOSENDE

AGENTE DE ÓLEOS



Castrol



CASA BRAGA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Rua 1.º de Dezembro - 4740 ESPOSENDE
Tels. (Estab.) 961494 - (Armaz.) 961004 (Escrit.) 964516

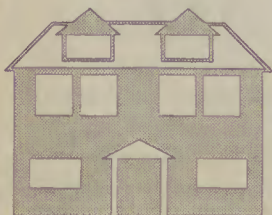
Auto Electro Bouro, Lda.

ELECTRICIDADE AUTOMÓVEL

DE — Manuel Electricista (Ex-Electricista da Gandra)

AGENTE: Baterias Fulmen, Tudor, Big
Venda e Manutenção de Telemóveis de todas as marcas
e Alarmes (Serpi Star e Master Guard)

Bouro - Marinhãs • Telef./Fax (053) 964554 • Telemóvel 0936 622600 - 4740 ESPOSENDE



Venda
de Moradias

Fp

Construções Fernando Patrão

MARINHAS • TELEF. 961060 • 4740 ESPOSENDE

13.º Governo toma posse

No dia 28 de Outubro, tomou posse no Palácio Nacional da Ajuda, o 13.º Governo Constitucional, democraticamente saído das últimas eleições legislativas de 1 de Outubro. Além do Eng. António Guterres como primeiro-ministro o Governo será composto por mais dezassete ministros, que junto se reproduz nomes e respectivos ministérios, com vista a um melhor conhecimento de quem governa o quê.

1.º MINISTRO				
ADJUNTO				PRES./DEFESA
		António Guterres		
Jorge Coelho	NEG. ESTRANG.	ADM. INTERNA	JUSTIÇA	FINANÇAS
				
Jaime Gama	Alberto Costa	Vera Jardim	Sousa Franco	Daniel Bessa
EMPREGO	SEG. SOCIAL	CIÊNCIA	EDUCAÇÃO	CULTURA
				
M.ª João Rodrigues	Ferro Rodrigues	Mariano Gago	Marçal Grilo	Manuel Carrilho
PLANEAMENTO	EQUIPAMENTO	AGRICULTURA	SAÚDE	AMBIENTE
				
João Cravinho	Henrique Constantino	Gomes da Silva	Maria de Belém	Elisa Ferreira

Óbitos

No dia 1 de Outubro faleceu santamente em sua casa Maria de Lurdes Martins de Lemos, de 63 anos de idade, casada com Adão dos Santos Teixeira, de Rio de Moinhos.



No dia 17 de Outubro, no Hospital de Barcelos, faleceu o nosso conterrâneo José Vicente Moreira, de 51 anos de idade, residente em Pinhote, era casado com Maria de Lurdes Coutinho Martins. A família do extinto agradece a todas as pessoas que se associaram à sua dor e participaram no seu funeral.

Às famílias enlutadas apresentamos sentidos pêsames.

Matrimónios

No dia 7 de Outubro celebraram o Sacramento do Matrimónio, Manuel Arlindo Alves Vasco, de Palmeira de Faro e Maria Goreti Moreira Domingues. No dia 14 de Outubro celebraram o Sacramento do Matrimónio António Augusto Gonçalves Guedes, filho de José M. Guedes e de Maria Margarida da Silva Gonçalves, de Belinho e Maria do Sameiro de Abreu Capitão, de Pinhote, filha de Porfírio Martins Capitão e de Carolina Maltez de Abreu. Aos núveis casais desejamos vida longa e feliz.

ASSOCIATIVISMO EDUCACIONAL

Associação de Pais: Uma Escola Para Todos

Introdução

A participação dos Pais na vida da escola surge como um factor de grande importância e necessidade, proporcionando aos pais melhores expectativas de perspectivação do futuro dos seus filhos e/ou educandos.

Com a descentralização do poder foi dado aos pais a oportunidade de intervir no processo educativo dos seus filhos, facto que veio realçar e reforçar a importância da ligação Escola/Pais no processo educativo.

A conquista da democracia concedeu aos cidadãos a liberdade de criarem livremente associações em que todos os implicados participem activamente na resolução de problemas comuns. Dentro deste espírito de liberdade e democracia urge sensibilizar os pais para a sua auto-organização, no sentido de contribuírem para o sucesso educativo dos seus filhos.

Partindo do pressuposto de que o envolvimento dos pais na Escola traz um maior desenvolvimento para o processo educativo, propomo-nos neste trabalho projectar a formação de Associações de Pais, em Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Neste trabalho faremos, ao longo de alguns números do "Voz de Marinhas", uma abordagem geral de integração das Associações de Pais no Sistema Educativo, desde a sua implementação, enquadramento legal e consequente evolução, utilizando esta como contexto mais abrangente para situar o estudo mais aprofundado e específico das futuras Associações de Pais.

Sendo as Associações instituições que têm a sua génese nos interesses e necessidades do grupo, por isso, geradoras de desenvolvimento, é fundamental fomentar uma dinâmica capaz de implicar todos os pais no sentido de criar meios orgânicos que contribuam para a



produção de respostas mais eficazes relativamente às necessidades educativas dos seus membros.

Projecto desenvolvido no âmbito do DESE
Prof. Lusa Esteves

CONSULTÓRIO DENTÁRIO

— DE —

Franco Xavier (Dr.)

Consultas todos os dias das 14 às 20 h.

CENTRO COMERCIAL DUAS ROSAS
1.º ANDAR - FORJÃES
TELEF. (053) 877094
"BIP" 0943 108868

BREVES • BREVES • BREVES • BREVES • BREVES

ATRASOS NA RECEPÇÃO DE "VOZ DE MARINHAS"

Devido a diversas reclamações que nos têm chegado pelos atrasos verificados na recepção do Jornal "VOZ DE MARINHAS", cabe-nos informar o seguinte:

Tanto para o país como para o estrangeiro, todos os jornais são entregues no correio para posterior distribuição no mesmo dia. O facto de o envio ao destinatário não ser efectuado ao mesmo tempo para todos os locais, é uma situação a que a Sociedade Editora Voz de Marinhas Lda é totalmente alheia. No entanto continuaremos a envidar todos os esforços para suprir tal deficiência, agradecendo desde já a compreensão dos nossos estimados assinantes e leitores.

REDACÇÃO DE "VOZ DE MARINHAS"

O jornal "Voz de Marinhas" dá mais um passo na sua consolidação de mensário e de um jornal para continuar. Para melhor o servir, já a partir deste mês se quiser contactar-

-mo-nos pessoalmente, temos a nossa Redacção instalada nesta sala ao lado da cabeleireira Leonor por cima do Supermercado junto à Igreja. Embora ainda sem horário definido, estaremos disponíveis para receber a sua colaboração, a sua assinatura e sobretudo a sua opinião.

Se porventura não tem disponibilidade para nos visitar, pode remeter a sua correspondência para:

VOZ DE MARINHAS, Apartado 84
4740 ESPOSENDE

NOVO SERVENTUÁRIO PAROQUIAL

Ao fim de cerca de 30 anos como serventuário paroquial, o Sr Valentim Mano, devido a impossibilidade de saúde e de disponibilidade que não lhe permitiram continuar a exercer o cargo de serventuário, sempre arranjou alguém para o substituir.

Trata-se do Sr ALFREDO DA SILVA ENES, de Rio de Moinhos e que recentemente regressado de França propôs-se tomar conta dessa missão.

Drogaria Central

Aires Fernando Silva Martins

MATERIAL ELÉCTRICO-ARTIGOS SANITÁRIOS
TINTAS-VERNIZES-FERRAGENS
MATERIAIS DECORATIVOS
PARA INTERIORES E EXTERIORES

Rua Pe. Francisco Dias Cubelo Soares, 2 - Marinhas • Telef. 962714
4740 ESPOSENDE

A ESTRADA REAL

As obras seguem em bom ritmo

As dúvidas levantadas sobre esta obra, acabam por se desvanecer na primeira visita efectuada

O movimento de máquinas e ritmo imposto, bem como o desbravamento da via é visível. O sr. José Pereira encarregado da obra, está convicto que o prazo de execução será cumprido, tendo em atenção as condições climáticas propícias e o seu consequente aproveitamento. Homens e máquinas não têm parado mesmo aos sábados prevenindo algumas paragens ou menor rendimento na altura das chuvas, vencidas que sejam as contrariedades pontuais que sempre surgem como foi o caso dos cortes nas propriedades dos sr. Gaspar, do sr. Leandro, e outros. Para evitar surpresas vai ser acelerado o caso pendente na Câmara Municipal relacionado com um loteamento à saída da estrada Goios-Gatanheira. E, em fase de resolução ou mesmo ultrapassado estará o diferendo do traçado desta via junto à estrada de Abelheira. Mas, não é só Embora o empreiteiro cuide já da pavimentação - cubos de granito - terá que



aguardar que a E.D.P. remova os postes de alta tensão agora plantados no eixo da via

O sr. José Pereira, encarregado fez já o levantamento da situação e confia que na hora tudo esteja conforme o projecto.

A Redonda vai ser limpa!



A APPLE (Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende) diligenciou junto da Câmara Municipal de Esposende a retirada de todo o entulho e lixo acumulado no largo da Redonda. Há muito tempo que a retirada desta lixeira, que a todos incómoda, tem sido reclamada pelos responsáveis autárquicos desta freguesia. Fe-

lizmente, segundo informações recolhidas junto da Câmara Municipal, chegou a hora desta zona voltar a ser o lugar aprazível que sempre foi, mais vale tarde do que nunca. Esperamos que esta limpeza seja definitiva e que o isolamento da zona, também previsto, possa evitar novas descargas "clandestinas".

"Voz de Marinhãs", n.º 14 de 30 de Setembro de 1995

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPOSENDE

Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa, 2.ª Ajudante deste Cartório:

Certifico narrativamente para efeitos de publicação que neste Cartório e no livro de "Escrituras Diversas", n.º 81C de fls. 95v e seguintes se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial com a data de dezassete de Outubro de mil novecentos e noventa e cinco, na qual, Abílio Capitão de Abreu e mulher Rosa de Lima Martins, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Marinhãs, deste concelho e nela residentes no lugar de Rio de Moinhos. Os primeiros outorgantes declararam:

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, de um prédio rústico composto de pinhal e mato, sito no Sítio do Agrelo, na referida freguesia de Marinhãs, com a área de mil trezentos e sessenta metros quadrados, a confrontar do norte com Serafim Martins de Abreu, sul e poente com caminho e do nascente com Rufino Adélio Justo Maranhão, não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e inscrito na matriz predial respectiva em nome do justificante marido sob o artigo 810, com o valor patrimonial de 2.559\$00 e o atribuído de CEM MIL ESCUDOS.

Que, não possuem título formal que lhes permita registar na competente Conservatória o identificado prédio, mas que, no entanto, entraram na posse do mesmo, por partilha meramente verbal feita há mais

de 20 anos por óbito de Delfino Martins de Abreu e mulher Felismina Martins Capitão, residentes que foram no mencionado lugar de Rio de Moinhos.

Que, sempre estiveram e se têm mantido na posse e fruição do identificado prédio, há mais de vinte anos, cultivando-o, colhendo os frutos, pagando impostos e administrando-o com ânimo de quem exerce direito próprio, fazendo-o de boa fé, por ignorarem lesar direito alheio, pacificamente, porque sem violência, contínua e publicamente, com conhecimento de toda a gente, sem interrupção ou oposição de quem quer que seja.

Que, dadas as enunciadas características de tal posse, adquiriram o mencionado prédio por USUCAPIÃO, não dispondo todavia, dado o modo de aquisição, de documento ou título formal que lhes facilite a prova do seu direito, base do registo que pretendem fazer a seu favor.

E, para suprir a falta de título, prestam estas declarações para efeitos de primeira inscrição no Registo Predial.

Vai conforme o original.

Cartório Notarial de Esposende, dezassete de Outubro de mil novecentos e noventa e cinco.

A 2.ª Ajudante

a) Maria da Saúde Ferreira Velasco de Sousa

CARPINTARIA E MARCENARIA

DE

Carlos Filipe das Afonso Novo

Lugar do Monte
Telef. 964378

MARINHAS
4740 ESPOSENDE

José António Abreu Carqueijó

TODO O TIPO DE TRABALHO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Espelhos para Casa de Banho
Cozinhas em todos os estilos

Rio de Moinhos - Marinhãs • Telef. 962452 — 4740 ESPOSENDE

Manuel Pires Penteado & F.ºs, Lda.

COLOCAÇÃO DE TODO O TIPO DE ESTORES,
ALUMÍNIOS E VIDROS

Lugar de Belinho - Belinho • Telef. 871317 • 4740 ESPOSENDE



Sociedade de Revestimentos e Isolamentos, Lda.

DISTRIBUIDOR "TEAIS"

FORNECIMENTO E APLICAÇÃO DE:

Soalhos, Parquet, Vinílico, Corticite, Alcatifa
Revestimento Marmoritado e Pintura de Pavimentos Industriais

Rua Vasco da Gama, Terraços Vasco da Gama, Entrada A • Tel. 961858 • 4740 ESPOSENDE

Notícias Breves **Notícias Breves** **Notícias Breves** **Notícias Breves**

O VEREADOR ANTÓNIO MARQUES, RENUNCIA AO MANDATO

O vereador António de Areias Marques, acaba de renunciar ao seu mandato de vereador municipal (ocupava o pelouro do desporto) para o qual havia sido eleito nas últimas eleições autárquicas. Depois de há vários meses se encontrar com suspensão de mandato a seu pedido, António Marques será substituído no cargo por João Cepa.

BOLSAS DE ESTUDO

A Câmara municipal comunica que, conforme em anos anteriores encontra-se aberto o período de inscrição, a decorrer entre os dias 23 de Outubro e 30 de Novembro, para concessão de bolsas de estudos aos alunos mais carenciados do concelho para o ano lectivo de 95/96. O numero estimado de estudantes a poder beneficiar destas bolsas prevê-se que sejam aproximadamente 10, com uma comparticipação de 18.500\$00 mensal. As candidaturas deverão ser entregues na Câmara Municipal.

ACIDENTE MORTAL

DE MAIS UM JOVEM

Mais um jovem, de apenas 16 anos de idade, morre na flor da idade.

O JOÃO PEDRO MOREIRA CEPA, filho de Patrício de Abreu Cepa e de Maria Alice Eiras Moreira Cepa, do Lugar de Pinhote, não conseguiu resistir ao violento choque sofrido entre um automóvel e a sua motorizada. Este acidente ocorreu junto à Carfer, na estrada que liga Esposende a Barcelos.

EM GÓIOS VAI SURGIR

UMA ASSOCIAÇÃO

Uma aspiração que se torna realidade. Com o intuito de constituir um associação que possibilite uma maior intervenção dos seus associados junto das entidades públicas reuniram-se já algumas individualidades para análise das suas componentes legais.

Determinados nos seus objectivos, en-

frentam com serenidade as dificuldades que se avizinham. Nova reunião já tem data.

ATL - JÁ FUNCIONA NA ESCOLA DE PINHOTE

Por iniciativa dos Pais e Encarregados de Educação das crianças, que frequentam a Escola de Cepães N.º 3 - Pinhote e com a colaboração da Junta de Freguesia de Marinhãs, está a funcionar um ATL (Actividades Tempos Livres). Esta iniciativa visa proporcionar às crianças actividades de recreio e estudo, no período de tempo compreendido entre as 15 horas e 30 minutos e as 19 horas, visto a maioria dos Pais e Encarregados de Educação serem trabalhadores por conta de outrém e não terem com quem deixar os seus educandos, durante estas 3 horas e meia. A Junta de Freguesia tem desenvolvido as diligências necessárias à oficialização do referido ATL ao nível do Instituto da Juventude; pedido de cedência da sala de aulas à DREN (Direcção Regional de Educação do Norte) e compra de material audiovisual, que servirá de apoio à ocupação dos tempos livres, proporcionando às crianças alguns momentos de lazer.

Este ATL está a cargo da jovem trabalhadora/estudante Graciela, que usufruirá de uma pequena compensação monetária da responsabilidade dos pais.

GRUPOS SINODAIS

Estão organizados grupos Sinodais em todos os lugares da freguesia de Marinhãs. Estas actividades de reflexão sobre toda a organização Diocesana da Igreja Católica irão estender-se ao longo de nove meses, tantos quantos os temas a abordar pelos grupos.

No mês de Outubro os grupos debruçaram-se sobre a organização presente e futura das Paróquias na Diocese. Depois da definição dos conceitos Paróquia, Arciprestado e Diocese e sua evolução ao longo dos tempos, os membros dos grupos apresentaram algumas propostas e achegas, visando a descoberta de "Novos Caminhos para a Evangelização". Estas propostas depois de debatidas a nível de Paróquia e de Arciprestado serão apresentadas, em termos conclusivos, a nível Diocesano.

Construção de passeio na rua da Redonda

Depois de a Junta de Freguesia de Marinhãs ter procedido ao alargamento da Rua da Redonda, numa extensão de cerca de cento e sete metros, está, em colaboração com a Câmara Municipal, a pavimentar o passeio com blocos de cimento. Esta iniciativa já foi tomada há cerca de um ano, mas as burocracias postas na aquisição dos materiais de construção foram adiando a sua concretização.

A obra está praticamente concluída para proveito de todos, especialmente dos residentes na referida rua, no lugar de Cepães.



Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

(DELEGAÇÃO DISTRITAL DE BRAGA)

Realizou-se nos passados dias 15, 16 e 17 de Outubro o PEDITÓRIO NACIONAL da A.P.P.A.C.D.M. que este ano tem como principal fim a Construção de um Centro de Actividades Ocupacionais e Tempos Livres no Concelho de Amares.

Contando com o altruísmo de todos e com a ajuda sempre incentivadora de Solidariedade Social quer Institucional que "não institucional" a A.P.P.A.C.D.M. pede encarecidamente que as ofertas de quem tiver a boa vontade de o fazer sejam enviadas para a APPACDM-Avenida da Liberdade, 134-6º Esqº Braga.

Alberto Figueiredo retoma funções de Presidente da Câmara

O Presidente da Câmara de Esposende, Alberto Queiroga Figueiredo, participou activamente na última campanha eleitoral, integrando as listas do PSD pelo Distrito de Braga para a eleição de deputados à Assembleia da Republica, motivo pelo qual suspendeu as suas funções de Presidente da Autarquia de Esposende. Eleito deputado, suspendeu as suas funções como tal e retomou já as suas anteriores funções: as de Presidente da Câmara de Esposende.



Se querem o VI calçado bem reparado, levai-o ao velho sapateiro de Cepães

SEBASTIÃO PEIXOTO

Rua da Praia, 36 - Cepães Marinhãs

Sr. Anunciante:

O Jornal Voz de Marinhãs, está apto a publicitar a sua indústria, o seu comércio, os seus negócios. Para melhor rentabilidade e tratamento atempado com os anunciantes já em carteira, dirija-se a este Jornal afim de programar a edição do seu anúncio.

S.B.L.

COMÉRCIO DE COMPONENTES AUTO, LDA.
Compra e Venda de Carros para Sucata

ASSISTÊNCIA DE PRONTO SOCORRO
24 horas Permanente

SEDE: R. Comendador Rodrigo Leite, 25 - Bouro - Gandra - 4740 Esposende
Telefs. (Resid.) (053) 961719/964219 • (Sucata) (053) 963689
Fax (053) 962552 • Telemóvel 0931 525247

Voou o telhado das Piscinas Municipais em construção

A intempérie que assolou Esposende na última terça feira, à tarde deixou marcas um pouco por todo o lado, devido à grande intensidade do vento.

Rajadas fortíssimas que não convidavam a circular nas ruas da cidade haviam de gravar na memória de alguns transeuntes imagens reais que mais se pareciam com cenas de estúdio, para gravação.

Em pleno centro da cidade de Esposende, na Av. Marginal em frente da estátua de D. Sebastião, pelas 15h05 a estupefacção era total. Uma rajada de vento muito forte, arran-

cou parte da cobertura telhado do edifício das piscinas - módulo sul, para, levando-o no ar alguns metros se esbarrar contra um poste de iluminação (candeeiro público) e em seguida estatelar-se fragmentado em toda uma grande área envolvente: Avenida, passeios e jardim.

Felizmente, apesar de algum movimento, ninguém se feriu tendo as ambulâncias surgido no local para qualquer eventualidade.

Há a registar prejuízos materiais e certamente atrasos no cumprimento dos prazos da obra.

Direito e Política

Dr. CORREIA DE AZEVEDO

6. Etimologia, simbologia e história da política

Uma pausa, neste discurso expositivo, para continuar o discurso por outro prisma; uma incursão, com os mesmos objectivos de apreender e esclarecer, pelas análises etimológicas e simbólicas de "política".

Parece ser pacífico que a sua *origem etimológica* vem do grego *politiké* ou *politikhē* e traduz uma ideia sedimentada com o advento do Estado moderno, a partir do séc. XVII - de ciência dos negócios do Estado, do governo ou direcção das cidades, dos reinos, dos estados, dos impérios, etc..

Politkós, o cidadão da *Pólis*, que deu origem ao actual *político*, começou por ser coincidente ou, pelo menos, aparentando, com o *cives* romano, membro da *civitas*.

A evolução veio a desenvolver-se no sentido de associar o político às ideias de homem público, hábil na administração dos negócios públicos, o que tem o favor dos seus concidadãos, o homem popular, o homem de estado, etc..

O mundo latino parece ter operado essa transformação, ou melhor, tê-la revelado, ao readoptar o político grego em desfavor do seu *cives*, como o relativo ao governo da cidade, da *Pólis*, do estado, e ao homem de estado, participante nos negócios públicos, já no contexto mais universal do Povo Romano, *Populus Romanus*, concebido já como uma forte e unitária organização social e jurídica.

Essa dissociação, entre o político e o cidadão, não pode deixar de suscitar algumas interrogações porque o Direito Romano foi, antes de mais *ius civilis*, dos *cives*.

O professor Sebastião Cruz, ao falar das conexões privatísticas e publicísticas do Direito Romano com a política, escreve acerca desta última; "a conexão (...) entre Direito e Política em Roma é reconhecida e afirmada por todos os autores. O Direito Romano é um pro-

duto da forte virtualidade criadora do génio político. Política e Direito trabalham em uníssono para fazer da urbe uma orbe, para cumprir uma missão de dimensão universal. A política romana, na sua multiplicidade de atitudes é orientada não por efémeras ideologias mas por um sentimento profundo e perene de perpetuidade e supremacia do "Populus Romanus", concebido como uma sólida e forte organização jurídica. A grande finalidade da política romana, afirma Biondi, mesmo no meio de crises e de variadas forças centrífugas, é manter firme o ordenamento jurídico".⁽³⁵⁾

Ora, alguns autores, entre os quais investiram as *concepções etimológica e real* do "direito", defendem ter existido uma cisão entre o primitivo *ius* que, ao que julgam, faria apelo a uma ordem sagrada, e *directum* que, no seu entender, mais não seria que o participio passado do verbo *dirigere* (dirigir), deixando transparecer o advento de uma nova ordem, mais humana, em que o ordenar, o regular, o dispor, o dar uma direcção determinada... já é actividade humana... política.

A *simbologia* acusa também as diferenças significativas.

Enquanto as *deusas*, grega e romana, da *justiça*⁽³⁶⁾ seguram a balança e declaram ser justo ou haver *direito* quando o fiel da balança está bem no meio, apurado, e os pratos da balança, onde se pesam as questões colocadas à justiça, estão nivelados - embora, estando uma com a espada erguida e os olhos bem abertos, a olhar para o infinito e a outra com os olhos vendados, como se a justiça fosse cega - a *política*, em contraste, representa-se *dúplice, bifase*.⁽³⁷⁾ Trata-se de uma personagem com *duas caras opostas* na mesma cabeça, cada uma delas com expressões contraditórias, entre o siso e a ligeireza.

7. As conexões entre a política e o direito

Já se viu que a política anda invariavelmen-

te associada ao Estado, ao que é público, ao exercício do poder e à direcção da *respublica*, da coisa pública, do que é de todos. Nestas acepções é possível encontrar conexões com o direito.⁽³⁸⁾

O Professor Paulo Ferreira da Cunha - a propósito da ideia de Constituição - diz que o "vocábulo (*politeia*)" designava, como para Aristóteles, o Estado (*status*), este, enquanto ordenação (...) da vida de relação dos cidadãos, dos habitantes da (*pólis*), sento tal ordenação a natural, aquela sem a qual não há Estado, verdadeira alma da cidade (...) e, embora com oscilações, "respublica" também esta aparentada a estado.. E fundamentava: "Todavia, em Cícero coexistem afinal os diversos significantes, mercê da flutuação designatória (...) É assim que aí temos (aspecto que não tem sido sublinhado senão parceladamente) "respublica" (= *politeia*), "Constitutio" e "status", muitas vezes como sinónimos, e uma outra com sentido específico".⁽³⁹⁾

O homem fez-se cidadão porque construiu a *pólis*, a urbe, mas a *pólis* impõe-lhe novo estatuto, novas relações, enquadramento político.

Podemos perceber que o direito desempenhou um papel importante e que foi aliado seguro da política. Mas que papel terá sido esse em concreto? Afinal será a *pólis* (a cidade, o Estado) que está na origem do direito, ou estará o direito na origem do Estado?⁽⁴⁰⁾

A estas questões tentam responder as histórias do Direito e da Política, recorrendo por vezes a um instrumental analítico que pode operar com, alguma eficácia nessa interpretação.⁽⁴¹⁾ É do que trataremos noutra altura.

NOTAS:

⁽³²⁾ CUNHA, Paulo Ferreira da., Sociedade e Direito, Resjurídica, Porto, pág. 134, sobre a sociologia tem - ou teve, ou terá ainda - de escolher claramente o seu campo. Ou é uma simples sócio-metria ou sócio-grafia, presa da górgona do método e da discricção, ou então, para superar esse tipo de "geografia humana" decantada e purificada, deve enfrentar a medusa neo-realista, regulamentadora, filosofante, política... vivendo da sua presença mas furtando-se ao seu abraço enle-

ador. Se a Sociologia é Ciência Social, a sua dimensão é dupla: factos e normas", o mesmo autor, na ab. cit. Pensar o Direito I, pág. 181, nota 4, fala das relações entre o Direito e a Sociologia "sempre foram complexas. Um direito normativo, legalista ou até um jusnaturalismo idealista e racionalista são anexos a considerações dessa ordem. Entretanto, parece haver também uma anímica reacção sociológica entre o constrangimento e a coactividade jurídicas - o que curiosamente leva a maioria dos sociólogos a definir o Direito com recurso aos elementos caracterizadores "força, coacção, etc.. Porém, o realismo clássico, como tivemos já ocasião de referir, tem interessantes aproximações com uma verdadeira sociologia, ao procurar ver o justo nas coisas, nos factos, na linha aristotélica".

⁽³³⁾ Cf., por todos, VILLEY, Michel, Philosophie du droit, II, Deuxième édition, DALLOZ, Paris, sobre a função política das leis.

⁽³⁴⁾ Recorrendo a um excerto de CUNHA, Paulo Ferreira da, Pensar o Direito I, pág. 169, sobre a obra de Villey somos confrontados com o seguinte: "O autor crê na possibilidade de uma definição do Direito. Para aí encaminhar a sua investigação, começando pela análise filosófica, semiótica, histórica e filosófica, focando, pois, o "jus" romano, as deusas grega e romana do direito, Aristóteles, S. Tomás, e o Jus Romanum" (...)

Na tradição do realismo clássico, o direito é a coisa justa, o que é devido a alguém (o Summ) (...) inclina-se, todavia o Autor para a admissão de outras acepções de Direito (analogados secundários). E assim surge a definição de Direito como "a ordenação da vida social segundo a justiça" - o que é algo de vastíssimo (...)

⁽³⁵⁾ cf. ab. cit. pág. 57

⁽³⁶⁾ CHORÃO, Mário Bigotte, ob. cit. pág. 27 e CRUZ, Sebastião, ob. cit. pág. 27 ss.

⁽³⁷⁾ Sobre as "faces" da política ver CUNHA, Paulo Ferreira da, Pensar o Direito I, "Estado de Direito: Contradição in terminis", págs. 319 ss.

⁽³⁸⁾ CUNHA, Paulo Ferreira da, ob. cit., pág. 344, referindo-se à Constituição diz: "enquanto estatuto jurídico do político, todo o texto constitucional comunga numa dupla essência jurídica e política. A realidade fundamental é a política: a entidade modeladora, institucionalizadora, "domesticadora", por assim dizer, é a jurídica. E o carácter forma e aparentemente inócuo, asséptico, das marcas de juricidade não chega, no seu espartilho de artigos bem comportados, para conter irreprimíveis traços da realidade política, muito mais apaixonada, irracional, numa palavra, anímica e - e logo mítica.

⁽³⁹⁾ cf. CUNHA, Paulo Ferreira da, Mito e Constitucionalismo, separata do volume XXXIII do suplemento ao Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, Coimbra, 1990, págs. 100 e ss.

⁽⁴⁰⁾ cf. SILVA, José Maria Rodrigues da, O homem e o poder, Lisboa, 1988, págs. 209 e ss.

⁽⁴¹⁾ SILVA, José Maria Rodrigues da, ob. cit. págs. 165 e ss

(Continua)

NORTADA...

Geração silenciosa

O assunto que quero abordar, pode ser muito subjectivo, amplo e divergente. Talvez por isso, receio que resulte demasiado... ambíguo. Vamos ver. Gerações? A dos anos 90, 80, 70, 60, 50, etc... Será que se pode definir ou caracterizar cada uma delas? Talvez seja um bocadinho difícil. Para mim, não é muito fácil. Parto, então, do princípio que uma pessoa será de uma determinada geração, não por ter nascido nessa altura, mas mais por ter nessa data a idade entre os 20 e os 30 anos (a idade da maioridade), pois é mais ou menos nessa idade que se dá a afirmação das pessoas. Significa então, que quem nasceu em 1962, 1963, por exemplo, tinha 20 anos em 82, 83, e essa é para mim a geração de 80. Não sei se este raciocínio está correcto ou não. Interessa-me é falar das pessoas que foram jovens durante a década de 60 (e setenta), porque é essa a geração que mais me impressiona. Essa mesmo que agora vai nos 35, 45 anos. Os que viveram o pleno das suas juventudes na época do Rock'n'Roll, do Elvis,

dos Hippies, da JAC, da JUM, do JOC, do James Dean, do Peace and Love, dos Helpis, do YéYé, das V5... e da guerra do ultramar. É essa a geração silenciosa.

"Para boa parte dos portugueses, a guerra em África continua a ser um tabu. Um assunto de que não se fala. Não é de bom tom! No fundo da consciência pesa-nos como se tivéssemos



sido apanhados a roubar o vizinho. Para quem hoje tem trinta, quarenta anos, sobram lembranças estranhas. Uma sucessão de imagens a preto e branco. Sorrisos e lágrimas. Frases entrecortadas: "Feliz Natal e um Ano Novo cheio de 'propriedades'" ou "Adeus, até ao meu regresso". Sobram recordações vagas de gente a chorar na hora da despedida. Da guerra em África sobrou-nos uma vergonha esquisita".

Os que lá estiveram, apesar de no seu regresso serem recebidos em festa, nunca sentiram mais do que isso: o alívio por terem sobrevivido. Nunca lhes foi agradecido o terem ariscado as suas vidas pelo nome de Portugal. Nem se sabe quantos lá morreram (ou vieram deficientes). No cemitério das Marinhas há uma zona especial (que antes da ampliação se notava mais), para os mortos da I Guerra Mundial (1914-1918). Só esse facto, faz com que fossem considerados "heróis". Ainda me lembro do Farradame que tinha montes de histórias para contar. Os do Ultramar, não tiveram esse privilégio. Foram muitos mais e não foram, nem



são, identificados especificamente pelo facto de lá terem estado. Bem, mas tudo isto marcou de facto a tal geração silenciosa. Mas, e as outras coisas? O Rock, as modas (lembram-se da calças à boca de sino?), e outros fenómenos de que falei atrás. Será que se lembram dessas coisas. Com certeza que sim. E porque não contam como foi a juventude, digamos até ao 25 de Abril? Nessa altura, eu tinha (só) onze anos. E os que têm agora essa idade não sabem como "era antes". Nem os pais, se calhar, lhes contam.

Q. Areias

Abílio Cardoso & Ca., Lda.

TALHOS • MINI-MERCADO - CAFÉ

Lugar de Outeiro - Marinhas • Telef. 963293/961724 — 4740 ESPOSENDE • Filial: Rua Padre Sá Pereira - Outeiro - Marinhas - Esposende